

DE PORTUGAL A MACAU
FILOSOFIA E LITERATURA NO DIÁLOGO DAS CULTURAS



Universidade do Porto. Faculdade de Letras

2017

Ficha técnica

Título: De Portugal a Macau: Filosofia e Literatura no Diálogo das Culturas

Organização:

Maria Celeste Natário (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Renato Epifânio (Instituto de Filosofia da Universidade do Porto)

Carlos Ascenso André (Instituto Politécnico de Macau)

Gonçalo Cordeiro (Universidade de Macau)

Inocência Mata (Universidade de Macau/ Universidade de Lisboa)

Jorge Rangel (Instituto Internacional de Macau)

Maria Antónia Espadinha (Universidade de S. José)

Editor: Universidade do Porto. Faculdade de Letras

Ano de edição: 2017

ISBN: 978-989-99966-9-4

O presente livro é uma publicação no âmbito das atividades do Grupo de Investigação Raízes e Horizontes da Filosofia e da Cultura em Portugal do Instituto de Filosofia da Universidade do Porto, financiado pela Fundação para a Ciência e Tecnologia.

RUY CINATTI E (AINDA) O “PROBLEMA DA HABITAÇÃO”: DO HABITAT DE TIMOR A UMA “ARQUITETURA DA ALMA”¹

Maria Luísa Malato

Faculdade de Letras da Universidade do Porto
Via Panorâmica, s/n, 4150-564 Porto
(351) 226 077 100 | mlmalato@gmail.com

Resumo: *Arquitetura da Alma* é um livro de Ruy Cinatti onde o autor reflete sobre o carácter simbólico da casa timorense: uma casa-mundo, um microcosmos que reproduz o macrocosmos. A poesia de Cinatti pode a nosso ver ser lida à luz desta sua obra de antropologia. A "casa" é uma metáfora fundamental para refletir sobre as fronteiras que permanentemente são estabelecidas e sustentadas, pelo indivíduo ou pela comunidade, para delimitar os espaços de exclusão e os de inclusão, os de integração e os de exílio.

Palavras-chave: Ruy Cinatti – Timor Leste – Identidade – Poesia – Antropologia

Abstract: *Arquitetura da Alma* [Architecture of the Soul] is a book written by Ruy Cinatti where he reflects about the symbolic character of the typical house in East Timor: a house-world, a microcosms that reproduces the macrocosms. But this is not only an anthropological work to Cinatti: the poetry of R. Cinatti can also be read with this anthropological scope. The house is a fundamental metaphor to contemplate the borders permanently established and contested by the individual or by the community, to delimit spaces of inclusion or inclusion, of integration or exile.

Keywords: Ruy Cinatti – East Timor – Identity – Poetry – Anthropology

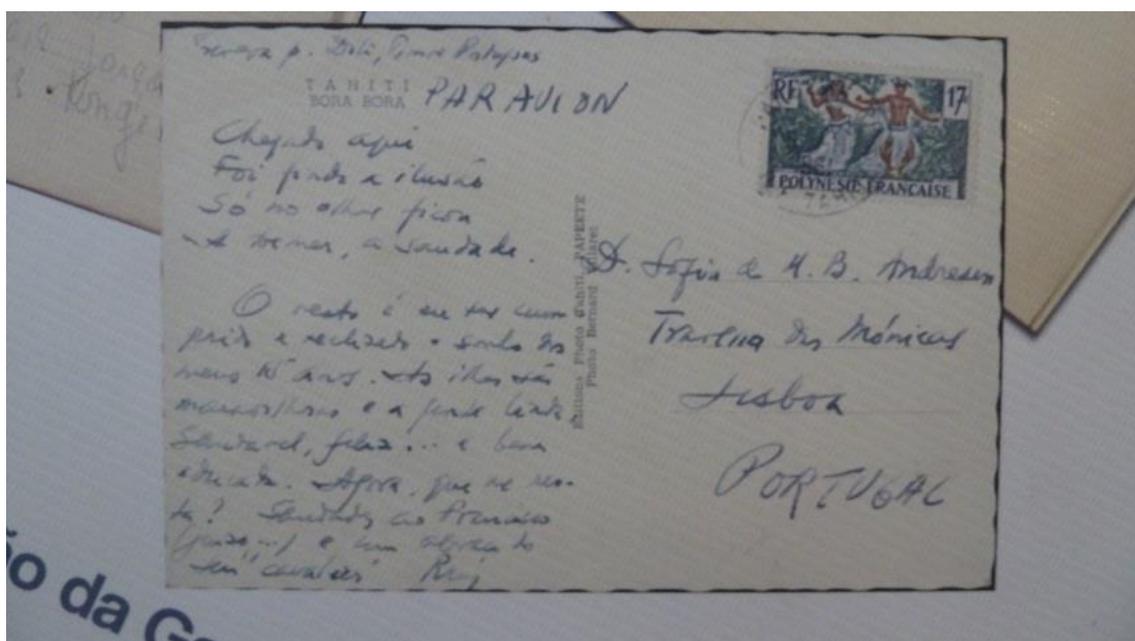
¹ O presente artigo foi desenvolvido no âmbito do Projeto “Raízes e Horizontes da Filosofia e Cultura de Língua Portuguesa” do GFMC do Instituto de Filosofia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto/ RG-PHIL-Norte-Porto-502-1948.

“[...] ó vida simples problema de respiração

Oh as casas as casas as casas!”

Ruy Belo, *O Problema da Habitação*, dedicado ao seu amigo nómada)

No Arquivo Nacional de Timor, guarda-se (sem que me pudessem dizer algo mais credível) um postal ilustrado de Tahiti/ Bora Bora, enviado por Ruy Cinatti, com um selo da Polinésia Francesa. Fotografei-o, em maio de 2015, numa exposição de homenagem da Escola Portuguesa a Ruy Cinatti em Díli, no Museu da Resistência.



Legenda: Postal de R. Cinatti a Sophia de Mello Brayner Andresen, sem data legível no selo.

Exposição no Museu da Resistência, Díli, Timor, Maio de 2015.

Está endereçado a D. Sophia de M. B. Andresen, Travessa das Mónicas, Lisboa/Portugal. Não conseguimos ler a data do carimbo, mas é provavelmente enviado entre 2 e 11 de novembro de 1961, quando passou pela Polinésia e por ali se encontrou com o filho de Gauguin, a caminho de Timor. O postal começa com o que parece ser um poema, a ritmos quase isométricos de 6 sílabas, como se só o primeiro verso precisasse de um tempo de pausa, de uma breve suspensão no tempo:

Chegado aqui
foi finda a ilusão.
Só no olhar ficou
A tremer a saudade.

[Espaço]

O resto é eu ter cumprido a realizado o sonho dos meus 15 anos. Estas ilhas são maravilhosas e a gente linda, saudável, feliz... e bem educada. Agora, que me resta? Saudades ao Francisco (juízo...) e um abraço do seu 'chevalier'/ Ruy

Esta ilusão que finda é talvez o “balde de água fria para as ilusões recolhidas em Gerbault, Loti, Jack London, Melville, Gauguin”. O filho de Gauguin sofre de elefantíase, e o mesmo parece suceder ao lugar, pois apesar da simpatia das gentes e beleza natural em algumas paisagens, incomodam-no a disformidade de uma aculturação violenta, “a miscelânea, o condomínio de chineses e franceses, impecavelmente colonialistas” (Cinatti *apud* Stilwell, 1995: 300). “Agora que me resta?” Esse sonho dos seus 8 anos, quando lia Júlio Verne e um livro escolar da História de Portugal, atirado para a lareira pelo pai, que queria desenvolver nele à força o gosto pela matemática (Stilwell, 1995: 28). O sonho dos seus 15 anos alimentado pela leitura de Robert Louis Stevenson (de quem tinha visitado a sepultura em Samoa) ou de Alain Gerbault (de quem cuidará do túmulo, quando chega a Díli (Stilwell, 1995: 30, 117, 174). Há uma obsessão de Cinatti pelos mortos e pelos epitáfios e inscrições, orações *in extremis, de profundis*. Mas não porque Cinatti lhes cuide da morte, mas do seu renascimento, da sua persistente “evidência”, forma de ver e forma de prova:

Não dos mortos a coroa dos mártires,
 O epitáfio em mármore esculpido,
 Mas dos vivos que, ressuscitados,
 Foram de novo mortalmente feridos.
 Desses eu canto a beleza extrema [...].
 O que procuro, o que neles descubro
 É a visão do mundo a que assistiram
 No espaço-tempo de entre ir e vir
 E o regresso ao desconhecido.
 (Cinatti, 2016: 1298)

1. O primeiro problema da habitação: o chão

A Gerbault dedica precisamente o poema “Visão”: “Sonho no mar sereias: algas,/ Corais limosos... Eu acordava/ Eu acordava entre aguaceiros límpidos. Pinhais,/ Pássaros, flores, penumbra e arcada de árvores” (Cinatti, 2016: 252, cf. 1053). Ele

próprio revela um vasto chão, paraíso primordial feito de livros de viagens. O chão dos canaviais na quinta dos avós, no Vale da Vaca, perto da Chamusca: “ficava muitas vezes a olhar o meu barquinho de cana no valado, a correr nas águas barulhentas da ribeira, até encalhar nas pedras ou nalguma raiz escondida ao lume de água” (Stilwell, 1995: 116).

Era um nunca mais acabar de ‘lutas entre cobras-de-água, sapos, ratos e formigas e, claro, o ribeiro era o Amazonas, as cobras eram anacondas, os sapos e as rãs eram aqueles búfalos enormes que atravessavam o rio. (Duarte, 1985: 12)

É ainda depois o chão do quarto que o transforma:

Os mapas e os livros eram o mundo através do qual viajava. Deitado no chão do meu quarto, desdobrava o mapa, e durante uma ou duas horas ia riscando os itinerários. Porém as viagens eram tão emaranhadas, tão cheias de curvas e ziguezagues, que eu ficava sempre indeciso, sem saber por qual dos caminhos tomar (Cinatti, Diário de Lisboa, 3/3/1938?, *apud* Frias, 2016: 14).

“Praticava o meu futuro no ilhéu do Almorol” (*apud* Stilwell, 1995: 27). Há destinos? Aos 11 anos, quando era aluno de João Soares, confessa o que quer ser quando for grande: arqueólogo. E acrescenta: “mas num sítio onde haja árabes perigosos, que é para que a escavação se torne atenta e mais excitante” (Cinatti, 2016: 1072). Haverá de o ser talvez, quando descobre umas pinturas rupestres em Timor, em 1962. Arqueólogo, antropólogo, cientista, poeta... A vida, o corpo, a obra de Ruy Cinatti (Londres, 1915-Lisboa, 1986) será um alargado mapa-mundi marcado pela memória das muitas viagens. O pai (António Gomes Monteiro) era português, produto de uma mistura de transmontanos e algarvios. A (Hermínia Celeste Cinatti) mãe tinha nascido em Macau, de ascendentes italianos (toscanos) e chineses (de Cantão). O pai de Hermínia Celeste era cônsul de Portugal em Londres. Em cada casa há a memória das muitas casas por onde foi passando. Ruy Cinatti nasce em Londres (15/3/1915). Pouco depois vem para Lisboa, com a mãe. Aos dois anos parte com a mãe para Nova Iorque, onde se juntam ao pai, residindo então em Springfield, Nova Jérсия, mas por pouco tempo, já que a entrada de Portugal na guerra obriga o pai a regressar a Portugal. Hermínia Celeste falecerá pouco depois, com o marido na guerra em França, deixando o pequeno Rui aos cuidados do avô Cinatti, numa casa em que se entrelaçava “um ambiente oriental” nu contexto ocidental (Stilwell, 1995: 24). Em 1918, o pai de Rui Cinatti vai em trabalho novamente para nos Estados Unidos, por uma viagem de alguns meses

que se estenderá por sete anos: por lá casa e formará família. Aos 6 anos, após a morte do avô Cinatti, Ruy passa para a casa dos avós paternos, Gomes Monteiro, com quem fica a viver até aos 10 anos, até ao regresso do pai a Portugal. Aos 19 anos, regressa a casa dos avós paternos, agora já somente habitada pela avó, depois de expulso da casa do pai – “casa vazia de direitos ancestrais” (Cinatti, 2016: 321, cf. 1187). Tenta por uma segunda vez ir para Timor. “Partir”, verbo que Cinatti diz transitivo quando conjugado por ele: “Só sei conjugar verbos verbos transitivos”, dirá em 1985 (*apud* Stilwell, 1995: 115): partir é assim romper, fragmentar, deixar cair uma ilusão de unidade. Não posso deixar de cruzar o título de um livro de poemas de Ana Luísa Amaral (*Coisas de partir*, de 1993) e uma confissão de Cinatti a Mécia de Sena em março de 1982: “Eu não seria o que sou hoje se acaso o medo de meu Pai não me tivesse levado até Timor” (Stilwell, 1995: 170n). Ou como já tinha dito numa entrevista de 1972: “Timor serviu-me praticamente para um ajuste de contas entre mim e o mundo, entre o meu ser autêntico e o de todos os dias” (Cinatti *apud* Stilwell, 1995: 231).

Ah, “Este problema do crescimento/ desacompanhado/ a torcer as voltas ao mundo/ em busca de paraísos” (Cinatti, 2016: 325)... Problema de crescimento, problema de habitação... Problema de respiração”, como lhe chamava Ruy Belo?

2. O segundo problema da habitação: o céu

Com um poema de Sophia de Mello Breyner Andresen e desenhos de Hansi Stäel, Cinatti edita, em 1958, *O Livro do Nómada meu Amigo*. Em Janeiro desse mesmo ano morre o pai e em Outubro regressa a Timor para filmar as casas timorenses com os arquitetos Leopoldo de Almeida e Sousa Mendes. Timor parece assim tornar-se, de forma cada vez mais óbvia para o próprio Cinatti, um espaço que o obriga a reformular “o problema da habitação”. Em 1962, o amigo e poeta Ruy Belo dará o título de *O Problema da Habitação* à sua segunda colectânea de poesia, dedicando-o “Ao nómada amigo do Ruy Cinatti”. Em 1968, Ruy Cinatti devolve a interpelação a Ruy Belo, em *O tédio recompensado*, num poema intitulado também “O problema da habitação” (Cinatti, 2016: 470). A expressão tem vindo a ser referida por vários críticos da obra de Ruy Belo ou Ruy Cinatti, associando-os a ambos a uma poética do nomadismo, representado pelo emblema do “Homo Viator”. Escreverá Joana de Matos Frias sobre Cinatti: “[...] o problema da

habitação com que viria a debater-se toda a vida [...]” (pref. Cinatti, 2016: 11, cf. Morão, 2011).

Mas o “problema da habitação” interessa-nos aqui na sua relação com Timor, no que ele tem de casual e voluntário. Talvez o destino seja este regresso repetido a paraísos imaginados pela linguagem que a vida nos dá fisicamente, sem os querermos: “Ilhas que eu não queria/ – Surgem”, escrevera em *O Livro do Nómada meu Amigo* (Cinatti, 2016: 251).

Cinatti tornar-se-á um viajante obsessivo. A viagem é simultaneamente forma de fuga e de encontro: Cinatti muda estrategicamente de céus. Em 1935, aos 20 anos, visitara a África Ocidental portuguesa, depois de participar no I Cruzeiro de férias às colónias. Ganhara um prémio a bordo com um texto que intitula “O que eu vi em África”. Por razões profissionais ou levado pelo prazer de viajar, passará ao longo da vida por Cabo Verde, São Tomé, Príncipe, Angola. Depois por Espanha, pela Austrália, pelo Havai, por Singapura e Malaca, Filipinas, Macau. Japão, Indonésia (Jacarta, Bali), Goa, Paris, Oxford, Holanda, Estados Unidos, Tailândia, Grécia, Suíça, Alemanha, Dinamarca, Paquistão, Afeganistão, Irão, México...

Mas de nenhum lugar do mundo se sentirá tão filho quanto de Timor, Timor, o mais longínquo território português, onde mais perto se teria sentido do que era uma pátria terrena. Em 1958, leva os arquitetos Leopoldo de Almeida e António Sousa Mendes a uma viagem a Timor, para analisar, desenhar e filmar o habitat timorense: o problema da habitação é, no dizer de Cinatti agora um “problema de integração”: o da presença dos portugueses em Timor e o das permanência da cultura timorense num século que há-de ser implacável para com as culturas locais (orais e rurais). O que se salvará do equilíbrio existente em Timor, preservado somente “falta de critério que frequentemente tem presidido à expressão arquitectónica nas Províncias Ultramarinas”? O problema para Cinatti não é somente o da presença de Portugal em Timor, mas sobretudo o problema da modernização inevitável de Timor, integrado num mundo de tensões globalizadas. O que escreve então poder-se-á entender como decisivo para o Timor de 1986 e o ainda mais o de hoje, independente, que se quer ainda “não ocupado”:

O desenvolvimento industrial e agrícola da ilha será um facto inevitável e natural dentro dos anos mais próximos a tal ponto que cremos que se tornará urgente e inadiável, dentro em breve, a construção de novos aglomerados populacionais

destinados a albergarem os trabalhadores rurais e operariado. É então que surgirá com acuidade o problema da integração do homem timorense dentro de um quadro diferente do seu habitat tradicional. [...] Porque, e o problema aqui é essencial, não se trata de enquadrar o homem asiático num habitat de raiz europeia mas, ao dignificar a civilização insular colocando-a no lugar que merece, fornecer ao timorense casas que, pelos materiais, pela sua organização interna e adaptação climática, se afirmem como um organismo embebido de toda a realidade local. (Cinatti/ Almeida/ Mendes, 1987: 9 e 11)

Cinatti vê em Timor um “cadinho experimental” para as formas de aculturação, toda a aculturação entre o timorense e o *malai* (o estrangeiro). Timor tornar-se-á, desde então, um caso de amor – como testemunham as *Páginas de um diário poético* (1948) e *Timor-Amor* (1974). E por isso arranja pretextos para sempre lá voltar, por várias vezes e pelas mais variadas razões. Regressa a Timor nas funções de Diretor dos Serviços de Agricultura, entre 1951-1956, depois de concluída a sua tese de licenciatura, *Reconhecimento em Timor*, em Engenharia Agrónoma, apresentada em 1950 ao Instituto Superior de Agronomia, ano em que redigiu o *Esboço Histórico do Sândalo no Timor Português e Explorações botânicas em Timor*. Em 1958, conduz pelo interior de Timor os arquitetos Leopoldo de Almeida e Sousa Mendes, para que conheçam, registem e difundam a habitação timorense. Regressará novamente em 1961-1963, filmando então a ilha: legou à Casa do Gaiato e ao Museu Etnográfico um conjunto valioso de desenhos e fotografias de Timor que merecem estudo: a Cinemateca Nacional guarda-as no Arquivo Nacional das Imagens em Movimento. Alberto Osório de Castro ainda como modelo para o Ministério das Colónias, “sendo para considerar, sob um aspecto filosófico e político, que em 1909 tenha sido escrita por um poeta a seguinte afirmação: ‘Hoje a obra de colonização ou é científica ou não é nada’” (Cinatti, 1950: 19).

Às suas ideias, respondem: “Havemos de o ver daqui a seis meses” (apud Stilwell, 1995: 181). Ruy Cinatti regressará ainda por poucos meses em 1966, sendo-lhe recusado o regresso pelo Governo Português de então. A partir de 1973, Cinatti integrará o grupo de investigadores do Museu de Etnologia em Lisboa, desenvolvendo nesse contexto vários trabalhos sobre Timor. Aprenderá depois a amar de longe. Em *Timor-Amor*, Cinatti reforçara a sua ideia de identidade pessoal, elegendo a sua pátria e a sua mátria num poema datado de 30 de junho de 1974: “Ilha, ilha, meu amor./ Foste minha moradia,/ meu tesouro// A minha segunda

Mátria/ na minha vida insolúvel./ Pátria: Deus!” (Cinatti, 2016: 907). Impedido de regressar depois de 1974, agora pela guerra civil em Timor e ainda pela invasão indonésia, morre em Lisboa, a 12 de outubro de 1986. Lega os seus escritos, com muitos inéditos, ao Museu de Etnologia, que publicará depois de 1986 alguns textos, nomeadamente *Arquitectura Timorese*, com o texto de Cinatti e os desenhos de Leopoldo de Almeida (1987).

Este “problema da habitação” (o da pátria e o da mátria) não pode pois ser visto como mera questão temática (literária, psicológica ou política), quer para a pátria, quer para a mátria, já que Deus e Timor passam a simbolizar para Cinatti a única solução possível para o seu eterno “problema da habitação”/ “problema da respiração”. A Casa e o Mundo andam a par da relação que ele reiteradamente elabora entre o “realismo” e a sua “poética”. Diga-se que usamos aqui os conceitos de “poética” e de “realismo” por falta de melhores palavras para falar dessa teorização de Cinatti aos vivos e às coisas concretas, que vai da sua atividade de antropólogo à expressão da sua poesia. Cinatti escreve no seu diário:

Gostaria que se alguém lesse os meus rabiscos me perguntasse: ‘Você esteve nesta região? Isto parece Ribatejo’, mas sem que sequer eu mencionasse um nome da terra que indicasse a situação geográfica do lugar descrito. Isso sim, então sentir-me-ia satisfeito [...]. (Cinatti *apud* Stilwell, 1995: 41)

Talvez tenhamos que recordar as recorrentes sátiras de Cinatti a uma Literatura oficial e a uma Estética do Gosto comum, que o leva a troçar dos arremedos de estilo, numa cidade de São Tomé ou num poema em jeito literário – “Pior ainda mudar/ de estilo, conforme o tino, descurando a origem sábia/ que radica um velho estilo”; “Verdadeiro é o estado de alma/ que permanece, que não renuncia,/ como a palmeira ao fruto da árvore: apaziguadora melodia” (Cinatti, 2016: 1163) – ou a troçar de homens bonitos – “Não gosto de homens bonitos, nem de bonitos homens./ Não gosto de homens bonitos./ gosto de homens curtidos pela fealdade física da vida,/ nem apolínea, nem dionisíaca,/ mas de ambos” (“Gostos”, Cinatti, 2016: 1234).

A ligação de Cinatti à Literatura não é imediata e não se fará por via da poesia, mas dos relatos de História e “estórias” de viagens. Talvez por isso refere tantas vezes este tardio contacto com a Poesia: “Para começar detestava poesia, menos a de *Kindergarten* que essa era letra de música. [...] Brinca brincando escrevi o primeiro

exercício de estilo: uma epopeia dedicada aos insectos” (Cinatti *apud* Stilwell, 1995: 419). A poesia, para Cinatti, tem então de ser forma de expressão de uma identidade coerente: “Sou um poeta católico. Não sou um poeta católico”, dirá numa *Conversa Inacabada III*, em 1985. A Ruy Cinatti não interessam os escritores “literários”, rebuscados e ociosos, fascinados pela sua própria subjetividade: “Misturamos o sublime/ com o que não tem poesia,/ [...] Fizemos da forma formas/ de pudim flan relegado/ ao menu habitual” (Cinatti, 2016: 686). Em carta a Jorge de Sena, de 10 de outubro de 1953, reitera:

[...] estou encontrando cada vez menos poesia na sobredita cuja portuguesa e estrangeira, e cada vez mais nos meus favoritos[,], Rimbaud (que não tenho), Shakespeare, Rilke, Pessoa (só Pessoa), Keats, Claudel, etc, etc. – suma companhia onde tu entras também. (*apud* Strilwell, 1995: 234)

São esses poetas da “objetividade” que lhe interessam. Como se por um processo de decalque, sobrepõem então as suas palavras às de outros poetas, num exercício subtil de intertextualidade que a alusão por vezes explicita. Sob o sua poesia a de Rimbaud, Shakespeare, Rilke, Pessoa, Keats, Claudel, Sena, Sophia, Belo... Mas também a de Camões, transformado (ele também) por um “problema de habitação”:

Camões, grande Camões, como é parecido

O meu destino ao teu quando distingo

Entre uns e outros

Os de boa vontade!

Vivo em país ocupado.

[...] Quem casa não pensa.

Quem não pensa casa.

Cinatti, 2016: 689-690)

Não é de menor importância a poesia de Alberto Osório de Castro, autor de uma das mais admiráveis obras sobre Timor, *A Ilha Verde e Vermelha de Timor* (editada em 1943 e pela Seara Nova em 1928_1929). É este relato de uma viagem de Díli à contra-costa sul de Timor, entre 14 e 23 de abril de 1909, um extraordinário composto de poesia, geografia, antropologia, história, botânica, zoologia, amor (cf. Castro, 1996: 39). Na obra científica de Cinatti, *Explorações Botânicas em Timor* (assinada com o nome paterno, Ruy Cinatti Vaz Monteiro Gomes e publicada pelo Ministério das Colónias em 1950), encontram-se esparsos so tributo de Cinatti a

esta objetividade que liga a poesia à ciência. Demora-se então em Osório de Castro e na leitura *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, livro que lhe fora emprestado pelo Bispo de Díli. Nele encontrará a descrição metafórica (um candelabro) e nome de uma planta que os restantes manuais e cientistas diziam desconhecer:

Foi na leitura deste preciosíssimo livro – modelo de todos os que podem ser escritos por leigos sobre as possessões ultramarinas – que eu pude encontrar o pormenor saliente, o striking feature inicial de muitas espécies botânicas e de outras visões paisagísticas do mundo físico e humano de Timor. Não se pode ir mais longe na descrição, ao mesmo tempo poética e exacta, científica e literária, provando-se assim, uma vez mais, que o conhecimento poético supera o conhecimento científico quando este afina pelo tom da verdade objectiva. [...] Qualquer coisa que se lhe depare é descrita com aquela frescura e novidade de quem inventa palavras certas para um conjunto de imagens que se experimentam pela primeira vez [...] (Gomes [Cinatti], 1950: 18-19, cf. Cinatti, 2016: 1055)

Um Cancioneiro para Timor, de Ruy Cinatti, guardará assim duas dedicatórias que devem ser lidas com atenção: uma à memória de Alberto Osório de Castro e outra “a todos os poetas timorenses”. E duas epígrafes: uma de Camões (“Transforma-se o amador na coisa amada”) e outra de Alberto Osório de Castro (“Um grande sonho meu realizado. E porventura nunca mais, nunca mais, o realizará qualquer outro poeta português e pobre!..”). O poeta e engenheiro agrário Ruy Cinatti crê que desmente o poeta e botânico Osório de Castro. Não sem ironia: também Cinatti, poeta português e pobre, como Osório de Castro, em Timor realizou um sonho. O menor dos quais não foi o de ter descoberto o que é uma casa para um “construtor de viagens” (Cinatti, 2016: 928) e que “para se ser poeta é preciso ser-se simples/ como eram simples os elementos naturais/ antes de Deus fazer misturas” (*apud* Stilwell, 1995: 56). A expressão exata, própria de quem vê como se fora pela primeira vez:

Como me sentiria feliz se conseguisse pôr no papel tudo aquilo que meus olhos vêem, tudo aquilo que tão profundamente sinto, sentimento este que por reflexão se fixa no meu peito, dando-me a impressão duma coisa que dali quer sair, expandir-se para todos os lados, para tudo em volta, para as coisas, gentes, animais, plantas, enfim, desejaria como conseguir transmudar-me em espírito para o seio de todos esses seres, partilhar um pouco da vida dos animais, das plantas, desde o cão que pula sobre mato ao faro dos coelhos até à borboleta que volteja

dentro de mim, desde a ervinha rasteira de flores frágeis até ao pinheiro altivo [...] (Ibid: 39)

É verosímil a aproximação de Cinatti aos procedimentos poéticos de Ezra Pound, poeta que Cinatti declamava de cor, segundo testemunho de Sophia de Mello Breyner a Peter Stilwell (cf. 1995: 56). Aliás, os estudos de Joana Matos Frias sobre a poética efrástica de Cinatti demonstrá-lo-iam muito bem (2006: max. vol. II). Mas interessa-nos aqui provar, não a importância do enquadramento literário de Cinatti mas a importância do seu enquadramento profissional: Cinatti enquanto poeta-engenheiro agrário-estudioso da antropologia de Timor, condição *sine qua non*, a nosso ver, se poderá considerar o seu/ nosso “problema da habitação”.

3. O terceiro “problema da habitação”: a estrutura

Um poema de Cinatti refere-se explicitamente aos versos de Alberto Osório de Castro integrados agora num poema seu: “Vale de Lahane./ Osório de Castro./ ‘A infinita noite opalescente/ Sobe arrebatadoramente...” (Cinatti, 2016: 947). Voltemos agora ao postal ilustrado enviado por Cinatti a Sophia de Mello Breyner e ao final das ilusões. No Tahiti, como nos agrupamentos urbanos de São Tomé, são evidentes as marcas de uma violentação cultural, a do país ocupado: as casas são “impecavelmente colonialistas”: “Timor ou Bali, qualquer ilha da Indonésia, é muito mais bela e conserva ainda coisas muito mais extraordinárias” (Cinatti *apud* Stiwell, 1995: 300). Detesta, nessa mesma dimensão, a cidade de Díli, onde vê cortar os gendões centenários, substituídos em 1954 por acácias, e as camenassas, que enchiam as ruas de pétalas. A cidade cresce “num deserto de casas sem memória” (Cinatti, 2016: 586), “palhaçada urbana, urbanizada/ arquitectura/ errada até á náusea” (Ibid: 605). “Depois da ocupação japonesa as construções mudaram de estilo e, de uma maneira geral, pioraram sob vários aspectos. [...] a aplicação de uma arquitectura estranha aos condicionamentos e necessidades reais do país, além dos inconvenientes citados [desadequada ao clima, com importação desnecessária de materiais e de uma cultura explicativa], é necessariamente onerosa” (Cinatti/ Almeida/ Mendes, 1987: 226). Que têm as novas casas a ver com as “casas para viver,/ climaticamente imaginadas,/ como as timorenses,/ sentidas pelos homens que lá vivem” (Ibid: 605), “casas mágicas/ assentes em pilares, os barcos simbólicos nas casas, o mundo/ dividido,

esquadriado, o mundo com sentido” (Cinatti, 2016: 628)? A civilização avança até á montanha: extrai-se sem medida o ouro, planta-se ou arranca-se sem critério o sândalo. Urge construir uma habitação híbrida, com o melhor que pode dar o pensamento estranho ao local e o local ao estranho. Os versos de Cinatti só se percebem quando cruzados com a arquitetura timorense, uma arquitetura para a alma:

A instalação num território equivale á fundação de um mundo: a divisão da aldeia em quatro sectores corresponderá á divisão do Universo conhecido em quatro horizontes: no meio da aldeia erguer-se-á a casa cultural (a *uma lulic*) cujo telhado representa o céu, bem como a copa da árvore grande ou a escarpada montanha. Por baixo da terra, na outra extremidade, situa-se o mundo dos mortos, simbolizado pelas serpentes e crocodilos. O pequeno mundo timorense, a aldeia, está organizado num sistema inteligível: o lugar, sacralizado, provocou uma rotura na homogeneidade do espaço tornando possível assim a comunicação cultural, altar ou poste (*axis mundi*). [...] Todo o mundo exterior é tratado pelo timorense segundo o modelo apreendido nas relações com a sociedade, transferindo para as coisas vida, actos e emoções familiares na esfera das relações humanas. [...] Tudo o que é lulic tem alma como a gente: ‘E os hali ou gondões (*Ficus Benjamina*) têm os *lulic* próprios, com figura de gente [...]’ (A. Osório de Castro). Tudo tem alma, as pedras, as árvores, em especial as de grande porte, os gondões frondosos, as montanhas elevadas [...] (Cinatti/ Almeida/ Mendes, 1987: 34-5)

O búfalo é uma casa para os timorenses de Caraubalo, explica Cinatti em *Para uma Coografia Emotiva* (2016: 1033). Não esqueçamos o que Cinatti desejara para a sua escrita, a sua poesia:

Como me sentiria feliz se conseguisse pôr no papel tudo aquilo que meus olhos vêem, tudo aquilo que tão profundamente sinto, sentimento este que por reflexão se fixa no meu peito, dando-me a impressão duma coisa que dali quer sair, expandir-se para todos os lados, para tudo em volta, para as coisas, gentes, animais, plantas, enfim, desejaria como conseguir transmudar-me em espírito para o seio de todos esses seres, partilhar um pouco da vida dos animais, das plantas, desde o cão que pula sobre mato ao faro dos coelhos até à borboleta que volteja dentro de mim, desde a ervinha rasteira de flores frágeis até ao pinheiro altivo [...] (*apud* Stilwell, 1995: 39)

Em carta de 1 de junho de 1961, Cinatti explica a sua sedução por um sistema religioso e poético, individual e coletivo, simbolizado pela casa:

[...] um sistema coerente cujo ideograma se reflecte (ou refracta) em todas as outras formas de organização social: sistema político, estrutura de parentesco, sistema de classes, além de condicionar o processo económico, mormente no que respeita à economia de sobrevivência. Reflecte-se igualmente em todas as representações materiais da referida organização: povoamento e casa (Cinatti apud Stilwell, 1995: 299)

4. “Uma Lulik”: uma solução para o “problema da habitação”?

Teima. Entre as suas poesias, Ruy Cinatti guardou, em 1968, as palavras de um ritual de consagração timorense, inéditas até 1996: “Dantes a casa achava-se em ruína; mas fez-se outra nova. Avós nossos, venham ver como ela está agora” (Cinatti, 2016: 908).

Em sentido contrário, essas casas climaticamente imaginadas confundiram-se com o seu corpo, a sua voz, desde que nelas entrou, como descreve *n’O Livro do Nómada meu Amigo*: “No fundo da minha alma há uma fresta./ Por ela entra o vento e a multidão/ das vozes e dos signos.” (*Ibid*: 244). A alma (corpo/ linguagem/ espírito) é *Uma* (em tétum, casa) *Lulik* (em tétum, sagrada). Entre as “casas mágicas” – “assentes em pilares, os barcos simbólicos nas casas” – existe, em continuidade, um corpo em movimento – “Minucio,/ quando subo o planalto, o meu passado nas pedras, nas ribeiras trespassadas por pontes” (*Ibid*: 628). No eixo da Casa se simboliza o permanente contacto entre diferentes espaços e tempos. Verticalmente, o mundo dos mortos (serpente, crocodilo), dos vivos (homem, mulher) e dos deuses (ave, barco): o que foi será, o que será foi; o que sobe desce, o que desce sobe. A catábese confunde-se assim com a anábase nos seus efeitos iniciáticos:

Desci aos Infernos. Eu!
Completo em tudo,
Trazendo na minha voz o firme acento
Da inocência do mundo.
(Cinatti, 2016: 181)

Também o P.e Ezequiel Enes Pascoal refere algumas lendas timorenses em que o herói se move num tempo primordial, quando era fácil ir do céu à terra e da terra ao céu (Pascoal, 1967). Significativamente, o livro de Cinatti e Leopoldo de Almeida sobre a casa timorense começa com dois mitos de teogonia que o timorense desde

criança integra na sua forma de narrar o ser em trânsito, como se toda a cultura da casa pudesse também ser compreendida por esse espaço primordial: a que conta as várias tentativas de quatro tribos de Malaca para saírem da sua terra natal e as tentativas frustradas de lá voltar: o nome das três tribos remanescentes estariam radicadas no nome das três pequenas árvores que transportavam nos barcos; e a de um crocodilo da ilha dos Célebes que, salvo por uma criança que passará a andar sobre o seu dorso, resistirá toda a vida à tentação de o comer para não ser ingrato. Já velho, quando pensava regressar, transformar-se-á numa ilha, Timor, que em língua malaia quer dizer “oriente”. Talvez estas lendas estejam na origem de alguns versos de Cinatti: “Olha, por amor de Deus, olha para as casas, para os habitantes das casas, para os caminhos que acabam ao voltar da esquina. Olha, se tu pudesses ver o que eu estou vendo, embebedavas-te ainda mais do que eu já estou” (Cinatti, 2016: 220); “Livrai o homem chegado a meio da vida/ dos sonhos de voltar a casa” (*Ibid*: 302).

Em *Um Cancioneiro para Timor*, Timor é a revelação de um mundo simultaneamente velho e novo, familiar e estrangeiro. Ao tentar explicar velhas histórias portuguesas, o amigo timorense descobre nelas os mitos timorenses. Ao ouvir o amigo timorense, de seu nome português João Barreto, narrar os antigos mitos, anteriores à chegada dos portugueses, Cinatti descobre um sentido em trânsito, simultaneamente particular e universal. Os cânticos de Timor, onde o timorense não via Literatura, lia-os Cinatti como se Poesia medieval elas fossem e ele estivesse assistindo ao nascimento de um Cancioneiro. Ai-Knananuk/ Ai-Kananuk: como se fossem cantigas de dança ou de trabalho, quase cantigas de amigo, que os estrangeiros descobriram em nós e nós não sabíamos ter. Dadoulik: versos que avançam e repetem o refrão, cantigas ao desafio. Outras de espírito sarcástico, como cantigas de escárnio e maldizer ou versos de Gil Vicente (Cinatti, 1996: 43-6, 53-55). Lendas portuguesas, semelhantes às timorenses, com poços guardados por seres mágicos, galos que cantam a verdade, como se ordálios fossem, sereias, metade mulher e metade peixe. Seres humanos que nascem do orvalho ou da espuma. A lenda do homem que casou com uma sereia, e teve descendentes do “avô-oceano”, tão parecida com a do Avô-Crocodilo (*Ibid*: 65). Timorense e Malai são “orang maláyu”, homem errante, aquele a quem Osório de

Castro dedica um “Canto malaio” (Castro, 2004: 343). Como falar disto? Como traduzir?

[...] um timorense que não queria vender um Cristo de marfim, trocá-lo-ia por outro de barro, explicando, como a desculpar a ignorância de quem desejava comprar coisas que se não vendem, que a troca não tinha importância porque ‘deus era o mesmo...’ fosse de barro ou de marfim. (Cinatti, 1996: 35-6)

Ao descrever as danças dos timorenses, Cinatti sente-se maravilhado com a dignidade e delicadeza dos dançarinos:

[...] corpos feitos num só, duas, três vezes. O esforço sacudido repercute-se, intermitente, na respiração funda, ofegante dos homens, mas logo lhes sucede, embalador, o canto das mulheres. Em redor, as gentes assistem, soltam doestos e riem. (Cinatti, 1996: 41, cf. Cinatti/ Almeida/ Mendes, 1987: 42)

Talvez, uma vez mais, os versos de Cinatti se decalquem dos versos de Alberto de Castro, que lembram ainda uma velha avelaneira em frol:

Bailemos, bailemos, à luz do luar,/ Que a vida não pára, lá vai a passar./ Nas sombras do verde gondão de mil braços/ Já voam as moscas-de-fogo aos abraços./ Reparem! Lá dançam no luar as estrelas,/ Sárão todo d’oiro, doiradas chinelas./ Era uma vez um malai português,/ Que em todo o batuque dançava por três./ [...] Bailemos, bailemos, à luz do luar,/ Que a vida não para, lá vai a passar (“Tebedai”, Castro, 2004: 332)

Cinatti escreverá sempre “dansas”, com s.

Referências Bibliográficas

- Amaral, Ana Luísa (2005). *Poesia Reunida: 1990-2005*, Vila Nova de Famalicão, Quasi.
- Antunes, Manuel, “Ruy Cinatti – Nós não somos deste mundo”, *Brotéria*, n.º 33 (1941), pp. 467 e 468.
- Belo, Ruy, “Apontamentos sobre o nomadismo de Ruy Cinatti”, *Na Senda da Poesia*, Assírio & Alvim, Lisboa, 2002, pp. 170-177.
- Castro, Alberto Osório de (2004). *Obra Poética, vol. I*, ed. António Osório, Lisboa, IN-CM.
- (1996). *A Ilha Verde e Vermelha de Timor*, Lisboa, Cotovia.
- Cinatti, Ruy [C. V. M. Gomes] (1950). *Explorações Botânicas em Timor*, Lisboa, Ministério das Colónias.
- (1987). *Motivos Artísticos Timorenses e a sua integração*, Lisboa, ICT.
- (1996). *Um Cancioneiro para Timor*, Lisboa, Presença, 1996 (1.º ed. 1980)
- (2016). *Obra Poética, I*, ed. Luís M. Gaspar, colab. J. Matos Frias e P. Stilwell, Lisboa, Assírio e Alvim.
- Cinatti, Ruy; Almeida, Leopoldo de; Mendes, A. Sousa (1987). *Arquitetura Timorense*, Lisboa, Instituto de Investigação Científica Tropical/ Museu de Etnologia.
- Duarte, Jorge Barros (1984). *Timor. Ritos e Mitos Ataúros*, Lisboa, ICLP, 1984
- Frias, Joana Matos (2006). *Retórica da imagem e poética imagista na poesia de Ruy Cinatti*, dissertação de Doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol. I e II, Porto.
- Morão, Paula (2011). “Ruy Belo – ‘Não há tempo ou lugar onde habitar’”, in *O secreto e o real – ensaios sobre literatura portuguesa*, Campo da Comunicação, Lisboa, pp. 457-474.
- Ribeiro, Maria Margarida de Sá Calafate (1993). *Ruy Cinatti – Em trânsito*, Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa.
- Pascoal, P.e Ezequiel Enes (1967). *A alma de Timor vista na sua fantasia. Lendas, fábulas e contos*, Braga, Barbosa & Xavier.
- Stilwell, Peter (1995). *A condição humana em Ruy Cinatti*, Editorial Presença, Lisboa.